

MACHO MASCULINO HOMEM

“Os homens são um desastre. São péssimos amantes e espalham o contrário”, diz um poeta. “O homem está feito barata tonta. Tomou umas esguichadas de Rodiasol e não sabe para onde vai”, diz um cartunista. “Ele está cada vez menos homem”, diz um ator. Menos numerosos que as mulheres, os homens no entanto morrem muito mais, de mais doenças e muito mais moços. São profundamente inseguros, julgam-se bem-informados sobre o sexo, mas não progrediram nada em relação a seus pais e, como eles, crêem em mitos que só os afastam do conhecimento de si mesmos e de seus problemas. Pior ainda: em geral — ao contrário das mulheres, que organizaram-se em mais de 180 grupos feministas para defender seus direitos e debater suas questões —, sequer se dão conta de seus problemas.”

(Geraldo Mayrink-Revista *Afinal!* Reportagem sobre o Simpósio do Homem)

O homem não é mais aquele?

Os novos tempos, as modificações no comportamento da mulher, a nova moral sexual, o questionamento da autoridade patriarcal, tudo ataca a posição dominadora do homem dentro da sociedade.

Neste livro, conduzido por especialistas de diversas áreas, o leitor terá acesso aos múltiplos aspectos da crise do homem e do machismo.

O Simpósio do Homem — realizado em outubro de 85 — debateu estes problemas, e este livro baseado no Simpósio abre a discussão para o leitor brasileiro.

MACHO MASCULINO HOMEM

RONALDO PAMPLONA
DA COSTA

JOSÉ ANGELO
GAIARSA

ADILSON
GRANDINO

MOACIR
COSTA

EDWARD
MACRAE

VALÉRIA
PETRI

DURVALM.
NOGUEIRA Fº

CÂNDIDO
PINTO DE MELO

FLORISA VERUCCI

OSWALDO GIANNOTTI
FILHO

YVONNE MATTOS
VIEIRA

PAULO CESAR
L. BOTAS

DÉCIO
NORONHA

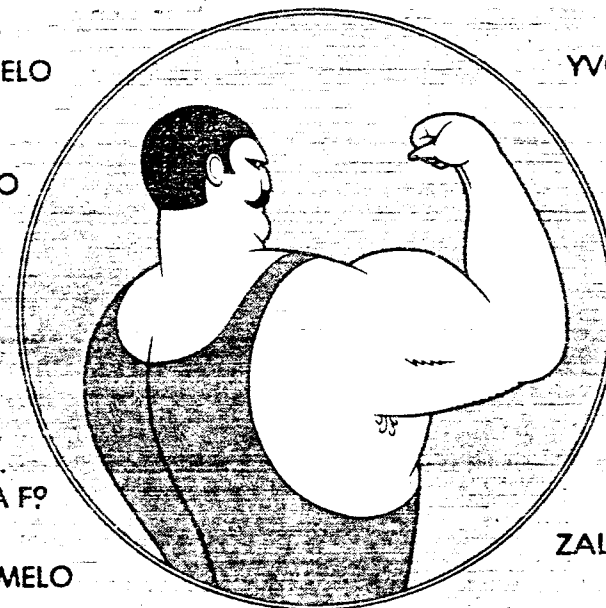
FERNANDO
GABEIRA

ROSE
NOGUEIRA

EDUARDO
DE OLIVEIRA

ZALY V. QUEIROZ

REGINA
FOURNEAUT MONTEIRO



**A sexualidade, o machismo e a crise
de identidade do homem brasileiro**

3ª EDIÇÃO

capa: Caulos

revisão: Luiz Antonio Saldanha, Verônica Sardá e Suely Bastos

© Adilson Grandino, Cândido Pinto de Melo, Decio Noronha, Durval Mazzei Nogueira Fº, Eduardo de Oliveira, Edward MacRae, Fernando Gabeira, Florisa Verucci, José Angelo Gaiarsa, Moacir Costa, Osvaldo Giannotti Fº, Paulo Cesar Loureiro Botas, Regina Fourneaut Monteiro, Rose Nogueira, Valéria Petri, Yvonne Mattos Vieira e Zally Vasconcelos Queiroz.

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores Ltda. –

Rua Nova Iorque, 306 – 90.000 – Porto Alegre – RS

Rua do Triunfo, 177 Santa Efigênia – 01212 – São Paulo – SP.

Impresso no Brasil

Outono de 1986

Introdução – <i>Moacir Costa</i>	7
Pênis, pra que te quero? – <i>Ronaldo Pamplona da Costa</i>	9
Machismo – <i>Fernando Gabeira</i>	11
Machismo e os direitos da mulher – <i>Florisa Verucci</i>	18
Uma opinião psicanalítica – <i>Adilson Grandino e Durval M. Nogueira Fº</i>	22
Identidade do homem na sociedade patriarcal – <i>Yvone Mattos Vieira</i>	26
Paternidade – <i>Decio Noronha</i>	34
O corpo do homem – <i>José Angelo Gaiarsa</i>	39
Sexualidade – <i>Moacir Costa</i>	44
As doenças do homem – <i>Osvaldo Giannotti Filho</i>	51
AIDS: suprema metáfora – <i>Valéria Petri</i>	54
Revistas masculinas ou de macho? – <i>Rose Nogueira</i>	61
A homossexualidade – <i>Edward MacRae</i>	64
Cidadão sem rosto – <i>Eduardo de Oliveira</i>	72
Reflexão sobre o homem e a deficiência Física – <i>Cândido P. de Melo</i>	79
Minorias masculinas: o homem idoso – <i>Zally Vasconcelos Queiroz</i>	84
A perversão da ternura – <i>Paulo Cesar Loureiro Botas</i>	89
Psicodrama do homem – <i>Regina Fourneaut Monteiro</i>	102

A homossexualidade

Edward MacRae

Tradicionalmente, a discussão científica sobre a homossexualidade tem se dado, principalmente, nos campos da medicina e da psicologia. Mais recentemente as ciências sociais têm também procurado entender o fenômeno. Na sua abordagem, torna-se fundamental fazer a distinção entre o comportamento e os papéis, categorizações e identidades homossexuais. Não só as atitudes perante a homossexualidade são passíveis de variações, como também os significados sociais e subjetivos com que ela é investida. Torna-se, portanto, impossível pensar em uma história universal da homossexualidade. E o significado social deste comportamento, tanto em termos de resposta social, quanto em termos de identidade individual, só pode ser apreendido dentro de um contexto histórico específico.

No espaço exíguo destas páginas não é possível uma discussão mais detalhada dessa abordagem. É suficiente dizer que ela se desenvolveu a partir de constatações, feitas por Kinsey, Evelyn Hooker, Mary McKintosh, Bell, Weinberger e outros, de que é muito difícil falar sobre uma "essência homossexual" comum a todos os que são rotulados como "homossexuais" e que sirva para diferenciá-los daqueles socialmente considerados como "heterossexuais".

Discutindo as dificuldades que surgem quando se procura traçar as causas da homossexualidade, a socióloga Mary McIntosh, uma das pioneiras da nova abordagem "social", diz que se está fazendo a pergunta errada. Para ela, faria tanto sentido tentar traçar a etiologia de "presidência de comitê" ou "adventismo de sétimo dia" quanto a de "homossexualismo" (McIntosh, 1968/184). Para ela, a sociologia comparativa está capacitada para estudar a própria concepção de homossexualidade como condição. Esta concepção e o comportamento que engendra funcionariam como controle social em uma so-

cidade que condena o homossexualismo. Ela afirma que cientistas sociais têm visto o homossexualismo como problema social e por isso têm aceito, sem críticas, a concepção de condição, estando, dessa forma, implicados no processo de controle social. Este se daria através da rotulação social (*social labelling*) e agiria de duas formas:

- a) delimitando o comportamento permissível do proibido;
- b) segregando os desviantes e isolando, em grupo pequeno, suas práticas e justificativas.

Porém, esse processo teria o efeito de fixar as pessoas nos seus desvios depois que elas fossem rotuladas de desviantes. Ainda segundo McIntosh, os próprios homossexuais apoiariam a idéia da homossexualidade ser uma condição, pois, desta forma, seriam aliviados da ansiedade gerada pela questão: "deveriam ou não adotar a heterossexualidade?" Uma vez vistos como vítimas de uma condição que independe de suas vontades, estas pessoas se eximiriam de qualquer responsabilidade, estando aptas a exigir a sua aceitação por parte da sociedade maior, da mesma forma que os enfermos ou aleijados.

Em contrapartida, McIntosh propõe considerar esses indivíduos como desempenhando um papel social, e não como sofrendo de uma condição. Este papel teria uma historicidade e, segundo ela, sua primeira aparição na Inglaterra dataria do século XVII. Por "papel homossexual", ela nos adverte, não deve ser entendido simplesmente um tipo de comportamento sexual, pois isto não seria muito diferente da "condição" e o que ela procura mostrar é que o comportamento sexual não pode ser dicotomizado da mesma forma que os papéis sociais de homossexual e heterossexual. Papel social é definido em termos de expectativas que podem ou não ser correspondidas. Nas sociedades modernas onde se reconhece um papel homossexual, a principal expectativa, tanto do ator quanto dos outros, é que o homossexual seja exclusivamente, ou predominantemente, homossexual em seus sentimentos e comportamentos. Além desta, é comum encontrar-se outras expectativas como:

- a) o homossexual masculino será afeminado em sua maneira de ser, personalidade ou atividade sexual preferida;
- b) a sexualidade será um fator importante em todas suas relações com outros homens;
- c) ele sentirá atração por meninos ou rapazes jovens e os tentará seduzir.

Embora a existência de uma expectativa ajude a levar ao seu cumprimento, não se pode prescindir de investigações empíricas para determinar o verdadeiro padrão de comportamento que acompanha as expectativas embutidas no papel homossexual, e McIntosh faz uma análise dos dados levantados por Kinsey para tentar descobrir até que ponto o comportamento dos indivi-

duos se coaduna com a concepção cultural de que a maioria seja exclusivamente heterossexual ou exclusivamente homossexual. Resumindo rapidamente suas conclusões, ela comprova que Kinsey demonstra que em todas as idades é detectável, entre os homens, uma maior incidência de comportamento bissexual que exclusivamente homossexual e que, entre aquelas categorias da escala onde é maior a predominância de comportamento ou reações psicológicas homossexuais, também existe uma maior incidência de bissexualismo que entre as categorias mais heterossexuais. Estas constatações levam-na a concluir que, embora o papel estigmatizado pareça inibir experiências homossexuais ocasionais, ele não parece deter aqueles rotulados de homossexuais de terem comportamento bissexual. E, desta forma, constatava a imperfeita polarização do comportamento sexual, apesar dos preconceitos culturais e das suas escoras em arranjos institucionais que tendem a perpetuá-los.

A proposta de McIntosh, embora influente, tem sofrido uma série de restrições da parte dos próprios cientistas sociais. Infelizmente este não é o lugar para uma discussão mais aprofundada do assunto, e a teoria só é mencionada aqui como exemplo do tipo de abordagem empreendida pelos cientistas sociais ao tratarem da homossexualidade.

Mudanças nas categorizações da homossexualidade no Brasil

Aos poucos cresce o número de pessoas que assumem a identidade homossexual, dando coragem a outros de fazer o mesmo. O aumento de homossexuais visíveis tem levado a população, como um todo, a dar mais atenção ao fenômeno, e tem promovido a idéia de que, apesar de certos grupos de militantes políticos homossexuais dizerem não desejá-la, parece haver uma tendência à integração na sociedade. Afinal, talvez a sociedade não tenha de sofrer mudanças muito radicais para permitir alguma acomodação, alguma convivência.

Concomitantemente às mudanças que ocorrem ao nível social mais amplo, está se alterando a forma como os homossexuais se vêem e se relacionam entre si. Em primeiro lugar, está diminuindo a carga de sentimento de culpa que pesa sobre esses indivíduos. Com o declínio da importância da religião cristã como fator normativo da sociedade urbanizada e consumista, há uma tendência a deixar de ver o prazer sexual como intrinsecamente pecaminoso. Novos conceitos entram no lugar do antigo pecado: anormalidade, doença, desvio, etc. Embora carregados negativamente, possuem a vantagem de se reportar ao mundo racional, passíveis, portanto, de questionamento através da razão. É muito mais fácil, por exemplo, argumentar que a "natureza" é um

conceito relativo e que, portanto, a "antinaturalidade" do homossexualismo também o é, do que ir contra preceitos bíblicos baseados numa suposta revelação divina¹.

Embora continue a vigorar uma série de fatores inconscientes, acessíveis somente através de análises profundas, é inegável que discussões entre amigos e a força do exemplo ajudam intensamente as pessoas a se sentirem menos culpadas em relação à sua conduta sexual. Não é à toa que uma das atividades mais bem-sucedidas dos grupos homossexuais militantes seja a formação de grupos de reflexão e troca de experiências. De maneira mais informal, o mesmo processo se repete nos bares, discotecas e outros estabelecimentos que compõem o chamado "gueto" *gay*.

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, do desemprego, do ostracismo, da perseguição policial e da prisão. Apesar das manifestações de protesto vindas da comunidade e das declarações dos mais recentes Secretários de Segurança do Estado de São Paulo, que condenam as arbitrariedades perpetradas por seus agentes contra homossexuais, continua a prática policial de efetuar periódicas "limpezas" nos bares e em alguns outros pontos de encontro dos homossexuais paulistas, quando muitos dos que então lá se encontram são presos "para averiguação".

Esses ataques periódicos ao "gueto" são especialmente nocivos ao bem-estar psíquico e social dos seus frequentadores porque é lá que normalmente as pressões que sofrem são afastadas, novos valores são desenvolvidos e o homossexual tem mais condições de se assumir e testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é da maior importância a existência do "gueto", que mais cedo ou mais tarde também acaba afetando outras áreas da sociedade, criando novos espaços de democracia sexual.

1 - Nos últimos 4 anos diversas das mais importantes associações científicas do Brasil aprovaram moções e resoluções apoiando a luta dos homossexuais contra o parágrafo 302.0 do INAMPS, condenando também a discriminação e o preconceito que pesam contra essa minoria sexual. Passaram moções de apoio a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1982), a Associação Brasileira de Antropologia (1982), a Associação Brasileira de Estudos Populacionais (1982), a Associação Brasileira de Psiquiatria (1984) e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (1984). Várias Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais passaram moções similares, e mais de 16 mil pessoas (incluindo 358 políticos) assinaram um abaixo-assinado pela mudança do código do INAMPS.

Além de demonstrarem um maior grau de autoconfiança em suas relações com a sociedade maior, os homossexuais também estão mudando a forma de se relacionar entre si. Tradicionalmente, em se tratando de papéis sexuais, a sociedade tem dividido os indivíduos em dois tipos: o homem e a mulher, o ativo e o passivo. Essa categorização está extremamente arraigada na nossa cultura e não surpreende que se encontre reproduzida nas relações homossexuais, os homens classificando-se como “bofe” e “bicha” e as mulheres como “fanchona” e “lady”. Em ambos os casos, os primeiros seriam “ativos” e os segundos “passivos”, reproduzindo-se relações de dominação vigentes entre homens e mulheres. Mas, assim como entre homem e mulher estão ocorrendo mudanças notáveis, também entre casais homossexuais está se dando uma diluição da dicotomia ativo/passivo, a par de maior democratização do relacionamento. Isto parece ocorrer principalmente entre os moradores de cidades grandes, de níveis sócio-econômico e educacional mais elevados. Desloca-se a ênfase dos detalhes do ato sexual (quem penetra quem) para o relacionamento visto de maneira mais abrangente, isto é, só importa com quem o indivíduo se relaciona, se com pessoas do seu próprio sexo ou não. Estas pessoas, que se definem não mais como “ativas” ou “passivas”, mas sim como heterossexuais ou homossexuais, questionam a validade de papéis preestabelecidos e muitas vezes sentem-se extremamente constrangidas se forçadas a exercê-los. Em comparação à antiga hierarquia bofe/ficha, onde só o último era estigmatizado e devia servir o seu “macho”, a nova categorização é essencialmente igualitária (Fry, 1982/87).

Mas em muitas áreas a dicotomia bofe/bicha, ativo/passivo continua a ser importante. Nos meios de comunicação de massa ainda se propaga a visão que associa o homossexual ao passivo; com raras exceções, o “desmunhecar” é essencial para qualquer representação desse tipo de personalidade. Por outro lado, mesmo entre os homossexuais, as chamadas “bichas pintosas” – os homens muito efeminados – sofrem uma discriminação por parte daqueles que internalizaram os preconceitos da sociedade, extravasando-os sobre os indivíduos que vêm como mais escandalosos e cuja companhia consideram ser comprometedor. Hoje a aparência viril é cada vez mais prezada e começa a surgir um novo homossexual estereotipado que frequentemente ressalta sua aparência máscula, exibindo bigode, barba, músculos de halterofilista, etc. Mas no Brasil isso é mais comum na classe média e ainda não se chegou à situação americana, onde predomina a moda “macho man”, com o farto uso do couro, insígnias nazistas e até um certo culto ao sadomasoquismo.

O termo “bicha” tem sido tradicionalmente usado pelos frequentadores do “gueto” como forma de autodesignação quando na companhia de outros

homossexuais, da mesma forma como negros americanos se chamam de *niggers*. Porém, assim como esse termo, ao ser empregado por brancos torna-se altamente insultoso para os negros, também a palavra “bicha” pode ser extremamente ofensiva quando usada por pessoas de fora do meio. Recentemente, como parte do esforço para fazer com que, tanto a sociedade como um todo, quanto os indivíduos homossexuais, reavaliem a imagem do homossexual, alguns dos grupos militantes têm promovido uma nova valorização dessa expressão. Promove-se o uso dessa palavra no linguajar corriqueiro. Hoje, entre os envolvidos nesses grupos, muitas vezes é praxe o uso desse termo quando referindo-se a si próprios. Procura-se esvaziá-los de sua carga pejorativa. Diz-se que uma vez que os homossexuais consigam assumir certos rótulos sem sentimentos de culpa ou inferioridade, se terá roubado uma das grandes armas dos seus perseguidores, que usam esses termos agressivamente, como insultos. Porém nem todos concordam com essa prática e, recusando o rótulo de “bicha” por ser demasiadamente associado ao velho estereótipo do homem efeminado e passivo, defendem o uso de termos menos ambíguos e mais respeitosos como “homossexual” ou “gay”.

Como parte da constelação de atitudes em torno da dicotomia “bicha/bofe”, há uma tendência a compartimentalizar as emoções, separando a atividade sexual do mundo afetivo. Na relação “bicha/bofe” isso é bastante comum e parece ter sua razão de ser, uma vez que o “bofe” teria sua virilidade questionada se mantivesse qualquer relacionamento mais profundo ou duradouro com uma “bicha”. Conseqüentemente, ambos logo aprendem a não investir seus sentimentos nessas relações. Esse processo também é encontrado entre homossexuais que já romperam com a divisão dos papéis sexuais. A proliferação de saunas *gays*, onde as relações sexuais ocorrem entre parceiros que só se vêem na penumbra ou entre nuvens de vapor, às vezes sem mesmo dizerem seus nomes, vem reforçar esta separação sexo/afeto.

O atual questionamento das normas sexuais tradicionais frequentemente se estende entre os homossexuais a outros conceitos tomados de empréstimo do casamento heterossexual: a fidelidade, por exemplo. Neste caso, considerando a exigência de fidelidade do parceiro, uma idéia baseada na necessidade de transmissão da propriedade e de criação dos filhos, alguns, especialmente homens, começam a questionar sua aplicabilidade aos homossexuais. Alimenta ainda mais esta dúvida a propensão à promiscuidade, amplamente constatada entre os homossexuais masculinos: muitos se recusam a assumir qualquer compromisso mais estável, temendo ter sua liberdade tolhida. São frequentes, portanto, os “casos abertos” em que os parceiros estabelecem uma espécie de acordo que permite relações com terceiros, sem ameaça ao re-

lacionamento. Em 1 arranjos freqüentemente se tornam complicados, mas entre aqueles que se julgam "progressistas" (como os engajados no Movimento Homossexual) os casos fechados são, às vezes, considerados castradores, irrealistas, geradores de hipocrisia e, ofensa final, "machistas".

Porém, nem todos os homossexuais pensam dessa forma e, especialmente após o advento da AIDS, muitos continuam a exigir uma difícil fidelidade de seus parceiros. Isso freqüentemente acaba engendrando um clima de mentiras e hipocrisia dentro do casal e torna difícil uma constatação correta de seu verdadeiro comportamento sexual.

Intrinsecamente relacionada à questão da reprodução dos papéis sexuais tradicionais, está a do travesti e a do transsexual. Estes indivíduos, em alguns casos, chegam a se submeter a dolorosas e caras operações para adquirirem características externas do sexo oposto. As feministas, e muitos integrantes do movimento homossexual, freqüentemente os consideram como meros reprodutores da vigente organização dos papéis sexuais. Alguns, contudo, vêem no fato de um homem conseguir passar por mulher uma subversão da ideologia que defende a "naturalidade" das diferenças entre sexos.

A maioria dos homossexuais parece nutrir profundo desprezo e antipatia pelos travestis, achando que estes simplesmente alimentam os preconceitos dos heterossexuais que acreditam que todo homem homossexual deseja, no fundo, virar mulher. Mesmo a chamada "bicha pintosa" já sofre essa discriminação. Os travestis respondem às críticas alegando que são os verdadeiros homossexuais assumidos; eles é que sempre formaram a vanguarda, abrindo novos espaços e enfrentando as repressões mais violentas. Como dizem: "para ser travesti é preciso ser muito macho".

Além dos homossexuais freqüentadores do "gueto", existem muitos outros tipos de indivíduos dados a práticas sexuais com parceiros do mesmo sexo mas de forma mais discreta e muitas vezes até furtiva. Muitos desses aderem à categorização tradicional e hierárquica da homossexualidade e até consideram-se heterossexuais. Outros podem ter um caso fixo e evitam o contato com o "gueto" para preservar o seu relacionamento, para evitar a estigmatização, ou por uma série de outras razões. Hoje em dia, em virtude da grande divulgação de informações a respeito do mundo homossexual, estes "clandestinos" podem manter um contato à distância com os novos desenvolvimentos e os novos valores do "gueto". Mas este continua a ser um importantíssimo centro de questionamento e inovação das práticas sexuais e das diversas maneiras de pensá-las.

Em geral, a discussão da homossexualidade tem sido liderada por pes-

soas que aceitam para si a classificação de "homossexual" ou "bicha". Foi a partir de uma campanha liderada inicialmente pelo Grupo Gay da Bahia, e finalmente encampada por numerosos setores progressistas da sociedade, que se conseguiu a abolição do código 302-0 do INAMPS, que rotulava o homossexualismo de "desvio e transtorno sexual". No começo de 1985, o Conselho Federal de Medicina resolveu que passaria a orientar os médicos brasileiros a codificar a homossexualidade na categoria V-62. "Outras Circunstâncias Psico-Sociais", ao lado de certas condições não patológicas, como desemprego, efeitos adversos no ambiente de trabalho, circunstâncias legais, recusa de tratamento por razões religiosas, de consciência, etc.²

Embora originalmente concebida como uma mudança eminentemente simbólica, essa conquista pode se tornar mais relevante do que antes se supunha, perante a nova ameaça apresentada pelo advento da AIDS. Pois, agora que o *status* médico da homossexualidade se iguala ao da heterossexualidade, torna-se mais fácil exigir que o mal seja combatido diretamente através da erradicação do vírus HLTV-III, e não pela tentativa de eliminação do comportamento homossexual ou até dos próprios homossexuais.

● Edward MacRae é doutor em antropologia pela USP.

Bibliografia

- FRY, P. Da Hierarquia à Igualdade: A Construção da Homossexualidade no Brasil, In: Fry, P. *Para Inglês Ver*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, pp. 87-115.
- MCINTOSH, M. The Homossexual Role, In: *Social Problems*, Society for the Study of Social Problems. — EUA, v. 16, c. 3, 1968, pp. 182-192.

2 - O Conselho Federal de Medicina, em sessão plenária realizada a 6 de fevereiro de 1985, aprovou o parecer do Conselheiro Ivan de Araújo Moura Fé, o qual, em resumo, diz:

"4.1 - Enquanto estiver em vigor o CID (9ª revisão) os casos cujo motivo de atendimento médico for a homossexualidade devem ser codificados na categoria V-62: 'Outras Circunstâncias Psicossociais'.

4.2 - Quando o comportamento homossexual for condicionado patologicamente, o enquadramento diagnóstico deve ser feito pela condição nosológica básica".